

Institute For Christian Teaching
Department of Education
General Conference of Seventh-Day Adventists

"Eclesiastes: Uma abordagem pedagógica"

Por
Renato Gross
Professor das Faculdades de Teologia e Educação
Instituto Adventista de Ensino - Campus Central
Engenheiro Coelho - SP

Preparado para
16º Seminário de Integração Fé e Ensino/Aprendizagem
Realizado no
Instituto Adventista de Ensino - São Paulo
Julho de 1994

221-94 Institute for Christian Teaching
12501 Old Columbia Pike
Silver Spring, MD 20904 USA

"Névoa de nadas, disse o que sabe
névoa de nadas
tudo névoa nada" Q.HC

Vaidades das vaidades-
diz Coélet - vaidade das
vaidades, tudo é vaidade." B.J.

"Ilusão, pura ilusão - diz
Coélet - ilusão, pura ilusão!
Tudo é ilusão." B.P.N.

I - INTRODUÇÃO

O Eclesiastes é um dos livros mais intrigantes do canon sagrado. Sua canonicidade nunca foi posta em dúvida, diferentemente de outros livros que compõe a Bíblia. Ele não menciona a história da salvação, não aborda a aliança de Deus com Seu povo eleito, sequer a relação pessoal com Deus. Ao contrário, afirma os valores de vida terrena, como o valor do trabalho na busca da felicidade. Contrapõe a sabedoria absoluta de Deus, à brevidade da vida humana, que curta como é deve ser sabiamente aproveitada. Não obstante isto tudo, foi o livro didático por excelência para a educação da juventude israelita, desde os filhos das famílias nobres e influentes de Jerusalém até os filhos dos camponeses das longínquas aldeias da Judéia. Educou príncipes e agricultores. Desde que foi escrito, nunca deixou de ser lido nas liturgias do Templo e nas sinagogas. O presente estudo tem por finalidade desvendar o caráter didático e pedagógico deste livro. Apontar possíveis caminhos, antiquíssimos e já palmilhados, ao educador adventista contemporâneo. Ler Eclesiastes com os olhos de um professor. Ver nos seus ouvintes de então, os alunos de hoje.

Um livro tão complexo, (apesar de pequeno - apenas doze capítulos) não permite uma análise, tampouco uma síntese, nos limites de uma monografia. O que se segue é uma tentativa inicial desta abordagem pedagógica, que permitirá ao leitor, com certeza, vislumbrar novos enfoques, novas

abordagens, novas pesquisas. Mas espera-se, com entusiasmo, também uma nova postura dos professores adventistas perante a sua atuação docente. E o desejo de usar didaticamente este e outros livros da Escritura Sagrada.

II - Eclesiastes: Contexto Histórico

1. O enigma da autoria

Eclesiastes é a tradução grega do título hebraico Qohelet (Coélet) cujo significado é "diretor acadêmico" de escola superior, especialmente de um instituto teológico. É o que afirma a introdução a Eclesiastes na Bíblia versão Pão Nosso. Lutero, na sua versão para o alemão, traduziu Coélet para Pregador - der Prediger. Sabemos, contudo, que este termo - Coélet - não é um nome próprio, mas um substantivo que feminino na sua forma, é usado no masculino, designando o ofício de falar nas assembléias. "Jerônimo, o tradutor da Vulgata, chama o Eclesiastes de um homem que se dirige a uma congregação, supondo alguns que se trate de uma congregação no atrio do templo, e, de dentro, o pregador se dirige a esta gente lá fora." (Mesquita, 1980).

Os estudiosos dão como data provável para este livro o século III aC, e há uma concordância quase unânime de que não foi Salomão o seu autor, ao contrário do que se lê no cap.1:1. Isto por duas razões: Primeiro, Salomão viveu muitos séculos antes da composição do livro e segundo, Salomão era o arquétipo e o patrono de todos os sábios de Israel, e o seu nome real simboliza a sabedoria em Israel. Devido a isto, era comum na época os escritores sapienciais atribuir a Salomão a autoria de seus escritos. Isto não era considerado apropriação indébita do nome, mas um recurso com duplo objetivo: atribuir um nome célebre ao livro aumentava a sua

importância e ao mesmo tempo o inseria na grande corrente sapiencial do povo de Deus, simbolizado por Salomão. Sem sabermos exatamente quem é Coélet, cujo rosto de educador inspirado esconde-se atrás das máscaras de Salomão e de um pseudônimo tão inusitado, pode-se saber algo dele no epílogo do livro - cap. 12:9-14. Este epílogo é um acréscimo posterior, provavelmente escrito por um dos seus discípulos. Ali fica-se sabendo que ele lecionava em público, a exemplo dos "filósofos itinerantes da Grécia, despertou interesse pela novidade de seu método de ensino e teve profunda repercussão em Jerusalém, onde suscitou controvérsia por suas idéias inovadoras. Intelectual de exímia cultura e vasta erudição, Coélet se impôs ao respeito de todos por sua marcante personalidade. Terá pertencido a uma família tradicional, de grande prestígio e influência, talvez uma família sacerdotal, a julgar pela inclusão de seu livro na coleção dos escritos salomônicos, lidos nas celebrações litúrgicas do templo." (BPN,p785)

2. Judá no Séc. III a.C.

Alexandre Magno conquistara grande parte do mundo oriental, o que produziu um confronto entre esta cultura e o mundo helenístico. O poderio militar, político, econômico e cultural que os gregos exerceram sobre os povos orientais conquistados foi tremendo. "O poder dos macedônios e ptolomeus e sua civilização impressionavam os habitantes da

Palestina, especialmente por seu poder militar e eficácia administrativa." (de Jong, 1992). Um exemplo disso é que Carlos Magno conseguira a façanha de conquistar a cidade de Tiro em sete meses, enquanto Nabucodonozor precisara de treze anos para consegui-lo. O poderio militar helenístico é descrito em Daniel 7:17 como "uma besta terrível, espantosa, extraordinariamente forte". Há críticos que consideram a descrição do rei Ozias em II Crônicas 26:15, como sendo feita à imitação de reis militares helenísticos.

A partir do ano 306 aC, o Egito e a Palestina passam a fazer parte de um novo império grego, sob os escombros do império macedônico de Alexandre Magno. A capital foi estabelecida em Alexandria, e o soberano era Ptolomeu I. Seus sucessores deram ao império uma organização a partir de dois modelos:

- o rei grego proclamou-se faraó do Egito, adotando o costume egípcio quanto à terra, vindo a ser proprietário de toda ela, exeto as pertencentes aos templos.

- mas a produção nas terras continuou seguindo o modelo grego, de divisão em distritos (dioceses) sob a liderança de um chefe militar (strategós) e um administrador civil (doiketes).

Isto permitiu que toda riqueza do reino fosse canalizada para Alexandria. Um eficiente sistema de cobrança de impostos atingiu até mesmo as aldeias mais remotas do império

Apesar disto, a "Judéia conseguiu manter seus

privilégios, conquistados na época da dominação dos persas. Seu Título administrativo era de "étnos". Isto significava que o templo continuava funcionando, e a administração da província era feita pelo sumo sacerdote. Mas a carga dos tributos aumentou muito. Obrigou as aldeias da Judéia a modificar seu sistema de agricultura. Tinham de plantar não apenas para sobreviver, mas para exportar e vender, principalmente o vinho e o azeite. Esta mudança acarretou profundas modificações no estilo de vida dos camponeses de Judá, já que a carga horária de trabalho aumentou. Plantavam para garantir a sobrevivência e para pagar os impostos." (Col. Tua Palavra é vida, vol. 4, p. 118)

Estas circunstâncias tornaram o século III aC. extremamente difícil para o povo. As transformações eram rápidas e não raro violentas. Isto fica evidenciado no próprio livro. Senão, vejamos alguns exemplos:

1º- gente honrada estava empobrecendo - (Ecl. 6:2)

"a um, Deus concede riquezas, recursos e honra, e nada lhe falta de tudo o que poderia desejar; Deus, porém, não lhe permite desfrutar estas coisas, é um estrangeiro que as desfruta." (BJ.)

2º- aventureiros maldosos prosperavam rapidamente - (7:15)

"já vi de tudo em meus dias, cheios de ilusões; gente honrada que fracassa, apesar de sua honradez, e gente malvada que progride, apesar de sua malvadez

" (BPN)

3º- não há quem defenda os oprimidos - (4:1)

"aí está o choro dos oprimidos e não há quem os console, ninguém os apóia contra a violência de seus opositores." (B.P)

4º- ganância e corrupção generalizadas - (10:6)

" eles colocam pessoas tolas em altos cargos, e deixam de lado pessoas de valor." (BLH)

Estes são apenas quatro exemplos para ilustrar o turbilhão no qual se debatia o povo. Era uma época de profundas injustiças sociais como vimos. Contudo, além deste panorama sócio-econômico, a dinastia ptolomaica passou a helenizar todos os povos conquistados. Costumes e hábitos estranhos às tradições judaicas foram lentamente sendo introduzidas, ao ponto de a própria forma de pensar ser alterada. Era toda uma nova cosmovisão que se ia estruturando na mente do povo israelita na época em que Coélet passou a fazer ouvir sua voz aos seus contemporâneos e discípulos.

III. Eclesiastes: Contexto Literário

Se o autor do livro é um enigma, o contexto histórico é confuso, o seu estilo e mensagens são intrigantes. "O livro teve o caráter de uma obra de transição. As certezas tradicionais são abaladas, mas por enquanto nada de seguro as substitui. Nesta encruzilhada de pensamento hebraico, tem-se

procurado discernir as influências estrangeiras que teriam agido sobre Coélet. É preciso ter cautela com as aproximações muitas vezes propostas com as correntes filosóficas do estoicismo, epicurismo, e cinismo, que Coélet teria podido conhecer por intermédio do Egito helenizado; (...) nenhuma dessas aproximações é convincente, e a mentalidade do autor se distancia muito dos filósofos gregos." (BJ p. 1166) Mas, mesmo assim alguns paralelismos são interessantes, especialmente "na função ideológica de algumas correntes filosóficas da época helenística. O cinismo, por exemplo, era uma filosofia crítica ao espírito do 'super-homem' e à 'infinitude' e destacava o valor de uma vida moderada e prudente. (de Jong, 1992)

O estilo no qual Eclesiastes se apresenta ao leitor de hoje é peculiar e confuso. Nele se encontra o ritmo balanceado dos salmos, narrativas simples e vívidas, relatos de grandeza magestática que lembra Isaías, a prosa e a poesia se alternam repetidas vezes, aparecem alguns conceitos da filosofia grega travestidos numa linguagem hebraica popular, dois termos de origem persa, muitos vocábulos em aramaico, foi escrito num hebraico utilizado após o retorno do Exílio. Isto tudo faz do livro de Eclesiaste um dos livros bíblicos mais difíceis de destrinçar a sua estrutura. Mais do que nenhum livro do V.T, ele "deve ser lido e interpretado com uma constante e desconcertante referência ao que nunca é completamente citado no próprio texto do livro. "(the Interpreters Bible, vol.V, p.21)

Ao longo dos seus doze capítulos, ora em poesia, ora em narrativa, ora em provérbios, aparecem correções, retificações, ampliações, uso da técnica sim... mas, que o autor vai soltando aqui e ali, e que se tornam em incoerências e contradições internas intencionais, e que dão ao livro uma estrutura ímpar e não repetida em nenhum outro livro do cânon sagrado.

Todavia, do primeiro ao último versículo, um motivo simples e profundo repete-se quase à exaustão: A futilidade de todos os esforços. Isto dá ao livro, em uma leitura preliminar e superficial, um tom pessimista, de desespero mesmo. Parece uma luta constante contra as sombras: sombras de sua própria alma, sombras que encombrem profundamente o seu mundo, sombras que envolvem o mistério da vida em si mesma... E em suas reflexões, baseadas em experiências vividas, desde o desencanto juvenil, à maturidade que só os anos trazem, desfilam perante o leitor as diversas áreas da filosofia: cosmologia, antropologia, ética religiosa, ética social, crítica das ideologias.

Apesar desta aparente confusão e desestrutura, o livro de Eclesiastes apresenta dois tipos de unidade que vão se alternando: a primeira unidade é a das observações e a segunda é a dos conselhos. Esquemáticamente a estrutura do livro tem esta configuração:

- 1.1 - introdução
- 1:2 - epígrafe: "ilusão, pura ilusão, tudo é ilusão"

- 1:3-4:16 - observações
- 4:17-5:8 - conselhos
- 5:9-6:9 - observações
- 6:10-7:22 - conselhos
- 7:23-29 - observações
- 8:1-8 - conselhos
- 8:9-9:12 - observações
- 9:13-12:7 - conselhos
- 12:8 - epígrafe: "ilusão, pura ilusão, tudo é ilusão."
- 12:9-14 - epílogo

Nas "observações" há um tema central que as une: o trabalho do homem, com um enfoque bastante pessimista. Senão vejamos:

- o trabalho humano não pode mudar nada no mundo (1:3-11, 3:1-15)
- o trabalho não torna feliz (2:1-11, 2:22,23)
- gozar a vida não é fruto do trabalho, mas dádiva de Deus (2:24-26, 9:7-10)

Os "conselhos" estão assim pautados:

- sê cauteloso com Deus (4:17, 5:6)
- sê cauteloso com as autoridades (5:7-8, 10:16-20)
- sê modesto em tudo (7:1-22)
- desfruta a vida prudentemente (11:7, 12:7)

Outros exemplos poderiam ser citados, tanto numa unidade quanto noutra, mas que se resumem na conclusão final: a fraqueza e transitoriedade do homem.

Concluindo esta parte, dir-se-ia que Coélet, embora considerando a efemeridade da vida, "considera possível a

felicidade, porque a vida vem de Deus e por Ele é sustentada. (...) Cada momento da vida humana terá, à luz da fé e confiança no Deus transcendente, valor inestimável." (B.PN p.787)

A fugacidade da vida, o fato de a felicidade residir no viver intensamente o presente, e ao mesmo tempo interpretar os valores autênticos da vida, dá-nos os dois lados da existência humana: o prazer que a vida nos proporciona com o seu gozo, e a certeza de que chegará o dia de se acertar contas com Deus.

Aqui está o cerne da "Pedagogia do Sentido da Vida", que nos parece o ponto central e crucial do livro. É o que se discutirá no capítulo seguinte.

III - A Pedagogia do Sentido da Vida

"Como indivíduos devemos prestar toda a ajuda possível aos pobres e aos doentes; porém o mais importante é rendermos a Deus o coração e os afetos, que Lhe obedeçamos, preparando-nos assim para o juízo final. O Eclesiastes proporciona assim uma sã filosofia de vida, o propósito da existência do ser humano, seu dever e do seu destino." (Comentário Bíblico Adventista Vol.3, p.1076, ed. Espanhol)

Sob uma ótica didática, Kidner (1989) chega a sugerir a liberdade de se traduzir Coélet por "O Professor". O "lembra-te do Criador nos dias da tua juventude" (Ecle.12:1)

não nos soa como um professor sábio, experiente e cristão, falando aos seus alunos?

A exposição contínua de suas experiências pessoais também nos faz lembrar alguém que educa por seus preceitos e por suas vivências. Senão, vejamos:

- "dediquei-me a investigar e a explorar com sabedoria..." (1:12)
- "Passei então a considerar a sabedoria, a cegueira e a insensatez..." (2:12)
- Entretanto eu também sei que a felicidade é reservada para aqueles que temem a Deus..." 8:12
- "Pus-me a refletir e discernir sobre tudo isso..." (9:1)

São apenas quatro exemplos pinçados aleatoriamente ao longo do livro, mas que revelam uma metodologia com base na experiência, aplicação, reflexão e dedução. No primeiro exemplo citado (1:12) encontramos inclusive o esboço do método científico como hoje o entendemos. As próprias contradições internas no livro, e que tanto tem desafiado os seus intérpretes, podem ser encaradas como um recurso didático, e são uma das chaves para a compreensão do mesmo. As contradições entre humanidade e Deus, pecado e santificação, o natural e o revelado são exemplos de aprendizagem não só por contradição, mas por comparação entre duas idéias aparentemente opostas, mas coincidentes naquilo que pretendem ensinar.

Outro princípio pedagógico bastante utilizado por

Coélet é o da repetição que Thorndike elevou à categoria de "lei da aprendizagem". Sabe-se que repetição é recurso valioso na aquisição de novas habilidades e conhecimentos. Um exemplo:

- "Quem ama o dinheiro não se farta de dinheiro".

(5:9)

- "Todo o trabalho do homem é para sua boca, e contudo seu apetite nunca é satisfeito..." (6:7)

As perguntas para reflexão exigindo habilidades mentais as mais refinadas e uma mente lúcida e crítica, para a sua resolução satisfatória também são encontradas. Ex.:

- "Quem sabe o que convém ao homem durante a sua vida, ao longo dos dias contados de sua vida de vaidades, que passam como sombra? Quem anunciará ao homem o que vai acontecer depois dele debaixo do sol? (6:12)

Contudo, além destes aspectos didático-metodológicos, quer-se deixar claro que há em Eclesiastes toda uma pedagogia, a qual chamou-se de "A Pedagogia do Sentido da Vida". É ela que fundamenta todos os versículos da obra. É a própria cosmovisão de Coélet, que sendo desvendada nos dará a chave para a leitura e compreensão adequadas ao livro.

Coélet nos aponta caminhos amargos aparentemente, pessimistas às vezes, realistas quase sempre, mas que no final nos respondem à seguinte questão vital: tem sentido a vida humana?

Na busca da resposta, ele constata três valores absolutos:

- 1º) a vida humana e suas limitações (5:17, 7:29)
- 2º) a opressão, a pobreza e as injustiças sociais,
(5:7, 9:14)
- 3º) a ação de Deus não pode ser mudada (3:14-15,
7:13)

A partir destes valores absolutos, tudo se torna relativo. Exemplos:

- as gerações: uma geração passa, outra lhe sucede, enquanto a terra permanece sempre a mesma." (1:4)

- o conhecimento e a ciência: "Dediquei-me a investigar e a explorar com sabedoria tudo que se realiza debaixo do céu. Tarefa ingrata que Deus impôs aos homens para com ela se ocuparem." (1:13)

- a riqueza, o lucro: "Quem ama o dinheiro, não se farta do dinheiro, nem dos rendimentos quem ama o luxo; também isso é ilusão." (5:9)

Porém é na relatividade do tempo que se encontra uma meditação lírica, como que um catálogo das estações humanas, que Coélet revela toda a profundidade do seu realismo. Encontra-se no capítulo 3:1-15, o qual pela sua beleza e propriedade transcrevemos a seguir, na tradução de Ravasi (1993):

"Tudo tem sua estação,
todo evento tem seu tempo
sob o céu:

tempo de nascer e tempo de morrer,
tempo de plantar e tempo de arrancar,

tempo de matar e tempo de curar,
tempo de demolir e tempo de construir,

tempo de chorar e tempo de rir,
tempo de gemer e tempo de dançar,

tempo de atirar pedras e tempo de recolhê-las,
tempo de abraçar-se e tempo de separar-se

tempo de procurar e tempo de perder,
tempo de conservar e tempo de jogar fora,

tempo de rasgar e tempo de costurar,
tempo de calar-se e tempo de falar,

tempo de amar e tempo de odiar,
tempo de guerra e tempo de paz.

Que valor tem tudo
o que se faz com fadiga?
Vi as obrigações
que Deus deu aos homens para afadigá-los.
Todas as suas obras são fascinantes em seu tempo.

No coração humano eles pôs também o sentido do
eterno,
sem, contudo, que o homem consiga apreender
o início e o fim da criação divina.

Compreendi então que o único bem do homem
é alegrar-se e gozar a vida.

Mas, que o homem coma e beba
e goze do fruto de sua fadiga
é dom de Deus.

Compreendi também que tudo o que Deus faz
dura para sempre,
sem que se possa acrescentar ou tirar nada.

E Deus faz assim para que o respeitem.
Já existiu o que agora existe,
já existiu o que existirá
e Deus traz de novo o que desapareceu.

Este é um desfile de vinte e oito tempos, uma
procissão de tempos, que se repetem sobre a face da terra e
que tornam o homem simultaneamente ator e espectador.

As alternâncias são inevitáveis, os ciclos fixos e
conclui celebrando a miséria do conhecimento e a derrota da
sabedoria.

Na sua pedagogia, e nós acrescentaríamos, na sua maneira peculiar de unir ensino às suas crenças, Coélet deixa aparecer a posição do homem em relação a Deus, e este é um ponto chave da sua cosmovisão: "Deus está nos céus, e tu estás sobre a terra." (5:2) Palavras curtas que remetem Criador e criatura para os seus respectivos lugares de habitação, e que perpassa o livro todo. Ele apresenta sua apologia, defendendo a fé num Deus generoso, ao mesmo tempo em que enfatiza o horror de qualquer outra solução para os problemas humanos. "Deus se revela a nós neste livro sob três aspectos principais: como Criador, como Soberano e como a Sabedoria Inescrutável(...). Como Criador, ele arma todo o cenário. Somos lembrados de que o seu mundo tem uma forma definida, que não pode ser mudada a nosso gosto... "pois quem poderá endireitar o que ele torceu? (7:13). Como Soberano, entretanto Deus determina as frustrações que encontramos na vida (...). Tudo isto vem de Deus: a trama geral da vida e seus mínimos detalhes, estejam ou não de acordo com o nosso gosto e o nosso senso de propriedade (...) ele vem agora ao nosso encontro com a Sabedoria Inescrutável, reduzindo os nossos mais brilhantes pensamentos a pouco mais que conjecturas." (Kidner, 1989)

IV. Conclusão

Dentre as várias leituras possíveis, tentou-se aqui fazer uma leitura pedagógica deste livro extraordinário. Uma leitura teológica revelaria outros detalhes. A ótica, intelectual e da cultura poderia seguir os rastros de Coélet em todas as correntes filosóficas contemporâneas; a exegese do texto poderia nos revelar detalhes surpreendentes.

Não é também um trabalho concluído, se é que pode chegar a ser concluído. Intentou-se apenas demonstrar as aplicações didáticas que podem ser percebidas ao longo da obra. Sim, pois Coélet como todo professor cristão moderno, deseja livrar seus alunos da autoconfiança de uma vida sem Deus, cínica, amargurada. E, por paradoxal que seja, ele usa o cinismo e a amargura. Quer livrar seus ouvintes, tanto quanto nós os nossos alunos, da falácia da sabedoria humana, da fugacidade do prazer, da riqueza, da cegueira da justiça humana. "Seu desejo é levar-nos a ver que Deus está presente, que Ele é bom e generoso, e que apenas esta perspectiva torna a vida coerente e cheia de significado." (Eaton e Car, 1989)

Abreviaturas Usadas:

BJ: Bíblia de Jerusalém

BNP: Bíblia Pão Nosso

QHC: Qohélet - Haroldo de Campos

BLH: Bíblia na Linguagem de Hoje

BP: Bíblia Pastoral

BIBLIOGRAFIA

I - Referências Gerais

Comentário Bíblico Adventista del Séptimo Dia. Tomo 3, Pacific Press, 1984

The Interpreter's Bible. Volume V - Abington Press, 1956

II - Livros

CAMPOS, Haroldo de. Qohélet - O que sabe: Eclesiastes. São Paulo: Perspectiva, 1990.

Conferência dos Religiosos do Brasil. Sabedoria e poesia do povo de Deus: São Paulo; Loyola, 1993.

EATON, Michael A. CARR, G. Lloyd. Eclesiastes e Cantares - Introdução e comentários. São Paulo, Vida Nova, 1989.

ELLUL, Jacques. Reason for Being - a meditation on Eclesiastes. Grand Rapids: William Eerdmans Publishing, 1990.

JONG, Stephan de. "Sai do meu Sol" - Eclesiastes e a tecno-
cracia helenística. In: Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana/Ribla, nº11, 1992, p.66-73.

KIDNER, Derek. A mensagem de Eclesiastes. São Paulo: ABU Editora, 1989.

MESQUITA, Antonio Neves de. Estudo nos livros de Eclesiastes e Cantares de Salomão. Rio de Janeiro, JUERP, 1980.

RAVASI, Gianfranco. Coélet. São Paulo, Paulinas, 1993.